



O verdadeiro perigo do romantismo é que os principios, por que se rege ou diz reger, são de natureza a que os possa invocar qualquer, para conferir a si-proprio a categoria de artista. Tomar a ansia de uma felicidade inatingivel, a angustia dos sonhos irrealizados, a inappetencia ante a acção e a vida, como criterio definidor do genio ou do talento, immediatamente facilita a todo o individuo que sente aquella ansia, soffre d'aquella angustia, e é preza d'aquella inappatencia, o convencimento de que é uma individualidade interessante, que o Destino, fadando-a para aquellas ansias, aquelles soffrimentos, e aquellas impossibilidades, implicitamente fadou para a grandeza intellectual.

Na theoria classica não era assim. O discipulo dos antigos apoiava a sua crença em que era poeta em faculdades de construcção e coordenação, em uma disciplina interior que não é tão facil a qualquer presumir, para si mesmo, que possui. Não é tão facil, ~~porque~~ em relação ás pretensões que são a base do romantismo, do sentimento romantico. Ha basta gente que pode crer-se, falsamente, dotada de qualidades constructivas em arte; mas toda a gente, e não alguma, pode julgar-se artista, quando as qualidades fundamentaes exigidas são um sentimento de vacuo nos desejos, um soffrimento sem causa, e uma falta de vontade para trabalhar - caracteristicos que mais ou menos todos possuem, e que nos degenerados e nos doentes do spirito assumem um relevo especial.

Não é no stimulo que dá ao individualismo que o perigo romantico consiste; consiste, sim, no stimulo que dá a um falso individualismo. O individualismo não é necessariamente falso; quando muito, é uma theoria moral e politica. Mas ha uma certa forma do individualismo - como ha uma certa forma do classicismo - que é com certeza falsa. É a que permite que o primeiro hysterico ou o mais reles dos neurasthenicos se arroge o direito de ser poeta pelas razões que, de per si, só lhe dão o direito de se considerar hysterico ou neurasthenico.

Quando um poeta romantico canta, lamentando-a, a eterna imperdurabilidade das cousas, faz uso legitimo de um sentimento bem humano. Quando, do fundo da sua dor, soffrendo pelo contacto com a humanidade, appella para a grande Natureza e para o seu constellado repouso, faz uso legitimo de uma emoção que, sendo velha como a humanidade, nem sempre serviu de thema poetico.

A ruina de uma vida simples, ou de uma vida reles, é tão tragica como a ruina de uma vida grande, ou de uma vida nobre; mas isso é vistas de fóra, não de dentro. A ruina de uma alma reles não pode ser grande para a alma reles, porque ella é uma alma reles.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).